

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 137  11 DE OUTUBRO 1882	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Portugal (franco de porte, moeda forte)	35800	15900	5950	5120		
Possessões ultramarinas, (idem).....	48000	20900	-3-	-5-		
Estrangeiro (união geral dos correios).	58000	26500	-5-	-5-		
Brazil (moeda fraca).....	158000	78500	-5-	-5-		

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Antonio Rodrigues Sampaio, EDUARDO COELHO — Exposição retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa, R. — As nossas Gravuras — Pinhal do Urso, SOUSA PIMENTEL — Successos do Egypto, R. — Ephemerides Artistico-Litterarias, SILVA PEREIRA — Publicações.

**GRAVURAS.** — Henrique Stanley — Defeza de Lisboa, Vista geral do forte do Bom Sucesso, Uma bateria do forte do Bom Sucesso e peça Krupp — Pinhal do Urso — Povoação de Varzim, Largo das Dóres — Templo de Neptuno — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Permittam, meus senhores, que lhes vende os olhos, que os metta n'uma carruagem, como se faz nos romances mysteriosos, e que depois de os fazer andar ás voltas, como n'uma associação maçónica, para perderem a consciencia do logar, os introduza n'um vasto recinto.

Podem tirar agora o lenço dos olhos, como o tenor da *Favorita* quando entra nos jardins de Leonor.

O recinto está cheio d'amigos seus, e nossos dos mais queridos, dos mais sympathicos, dos mais considerados pela sua intelligencia sã e clara, pela sua illustração variada e profunda.

Não lhes fallem e ouçam-no's.

Um conta o dialogo que na noite antecedente teve com Napoleão o Grande ácerca da tactica de Wolsley na campanha do Egypto.

Outro, refere o que na vespera Santa Thereza de Jesus lhe communicou a respeito dos seus extasis mysticos. Outro narra a lamuria que lhe fez Gil Vicente a respeito da decadencia do theatro portuguez. Este retrata-se solemnemente das suas opiniões anti-clericaes por-



HENRIQUE STANLEY

que o proprio Ignacio de Loyola lhe acabou de dizer, ainda não ha uma hora, que os jesuitas não são perigosos e ainda são precisos: aquelle falla de cadeira ácerca do estranho e discutido Hamlet, porque n'esse momento Shakspeare lhe acaba de desvendar todos os mysterios da interpretação do seu personagem: aquell'outro esfrega as mãos de contente porque um ente querido, que elle adorava na terra, lhe communicou ha minutos que está em Jupiter, e que se passa lá muito bem: e nenhum d'elles se pôde demorar muito a fallar nas futilidades da vida, o sr. A tem á sua espera Nero, para lhe perguntar lá umas coisas ácerca da tyrannia dos cesares: o sr. B não quer fazer esperar Moysés, que lhe vae explicar como foi aquella historia de tirar agua d'um rochedo: o sr. C vae interrogar o Goethe sob um ponto confuso do seu segundo Fausto: o sr. D tem que pedir umas explicaçõesinhas a Carlota Corday sob a maneira de dar cabo dos tyrannos: o sr. E precisa saber em que planeta está o seu inquilino que lhe ficou a dever dois semestres o sr. F está morto por ouvir a opinião de Abeillard ácerca de certos assumptos de actualidade lisboeta, o sr. G não pôde estar a perder tempo porque vae cavaquear com o sr. de Voltaire.

E todos dizem isto muito convencidos, com uma grande seriedade conscienciosa, como se viessem de fallar com o sapateiro e tivessem á sua espera os seus eleitores.

Digam-me agora, meus senhores, onde foi que eu os conduzi!

— Ao pateo de Rilha-folles, responder-me-hão todos.

Pois estão redondamente enganados: conduzi-os simplesmente á cidade de Lisboa, no anno 82.º do seculo 19 da Era christã.

E não estão a caçar connosco; estão profundamente convictos. Não é um punhado de analphabetos supersticiosos que assim fallam: é um

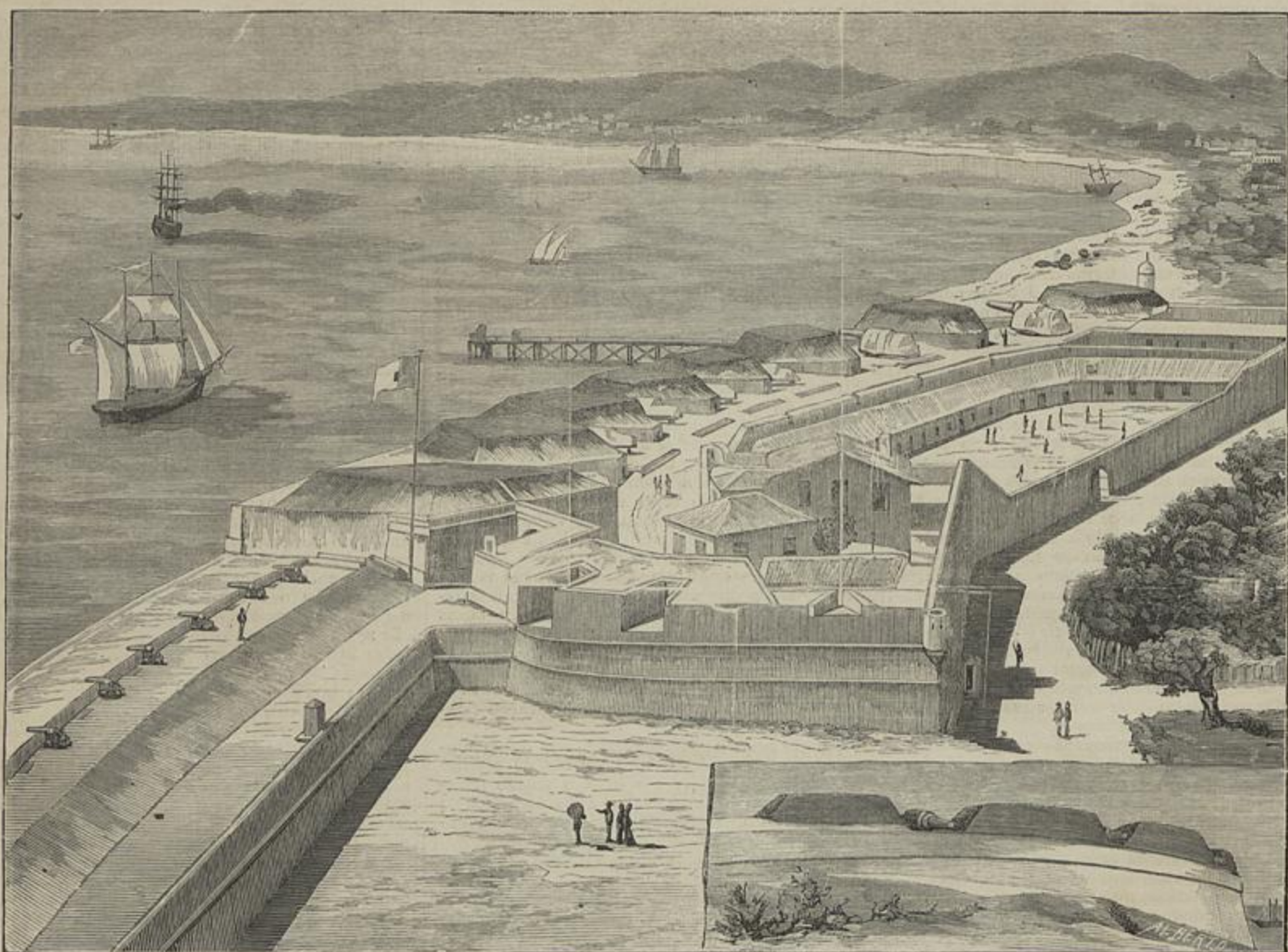


120

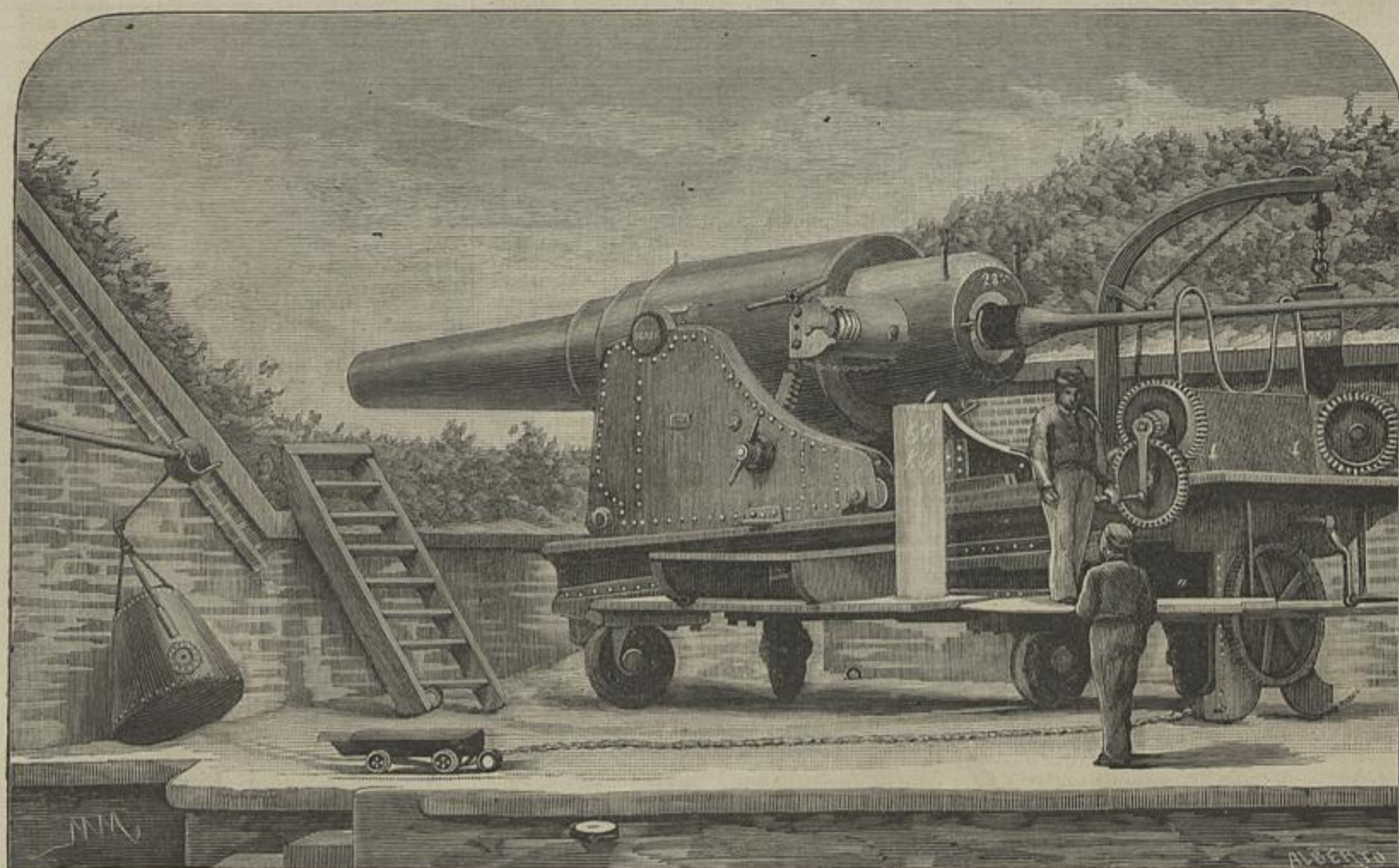




## DEFEZA DE LISBOA



VISTA GERAL DO FORTE DO BOM SUCESSO (Desenho do natural por Macedo e Christino)



UMA BATERIA DO FORTE DO BOM SUCESSO E PEÇA KRUPP (Segundo uma photographia)

E' tambem muito digna de attenção a cruz de estilo bysantino (n.º 4) E' de cobre dourado e na sua face anterior estão representados em gravura o Salvador e nos extremos das astes os emblemas dos evangelistas; por cima da cabeça a sabida inscripção *JHESVS NAZAREN REX JVI: EORVOS*, a qual me parece estar denunciando um trabalho de origem grega. Na outra face representa-se o *Agnus Dei* e varios arabescos. As linhas da construcção d'este artefacto são muito puras e a sua estructura conserva a simplicidade dos monumentos da sua epocha, devendo ser anterior ao seculo XII.

O cofre (n.º 50) de madeira forrado de cobre esmaltado tambem é mui digno da nossa attenção. E' da mesma epocha que o antecedente. Apresenta em cada face seis quadros representando anjos e passos da escriptura. Na face que serve de porta tem a figura de S. Pedro e na correspondente representa qualquer acto religioso, em que os individuos apparecem com tochas nas mãos. E' muito curioso e simples.

Deixando muitos outros e importantissimos artefactos, de que tinhamos tomado nota e feito descripção, mas que hoje já perderam todo o effeito da actualidade, mencionaremos os seguintes, pela sua importancia historica.



PINHAL DO URSO (Segundo uma photographia de Loureiro)

### XXXIII

Ainda ha pouco lemos em um jornal que a procellana havia sido descoberta em Portugal já no presente seculo, quem taes asserções aventura, não olha decerto para os documentos es-

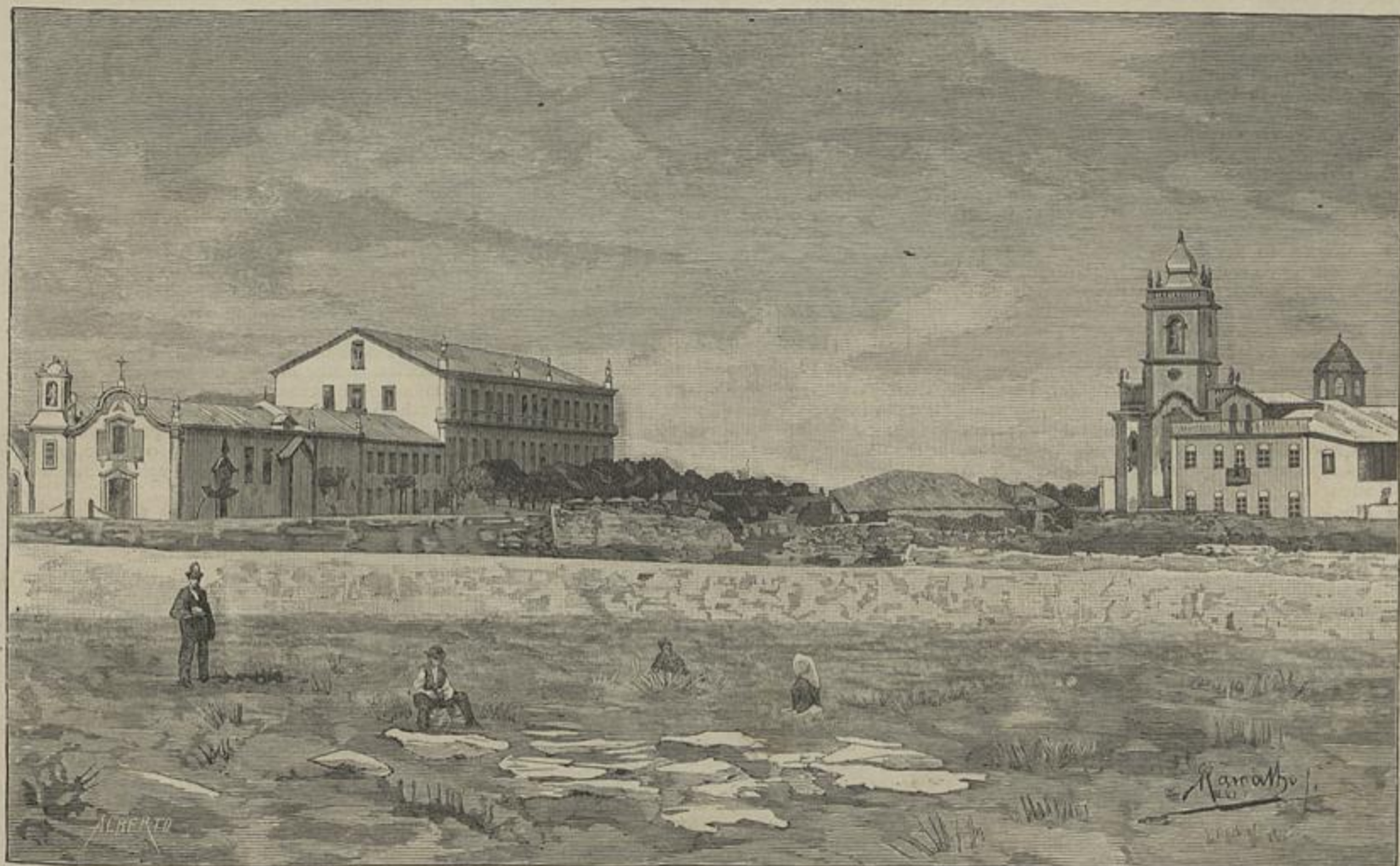
criptos, e demais a mais estampados na propria substancia ou materia de que se trata.

Na mesma sala G, n.º 56 57 e 58 tinham os escriptores o documento, e o desmentido á sua gratuita asseveração.

O 1.º é uma medallha em porcellana, que em uma das faces representa um cavalleiro, e n'ella tem a seguinte legenda: REAL ESTATUA EQUESTRE DE S. Magestade FIDELISSIMA D. JOSÉ I. Na face posterior, cercada de ornatos, em uma moldura lê-se a seguinte inscripção: PRIMEIRA PORCELLANA ACHADA EM PORTUGAL EM 1773 DESCOBERTA PELO BRIGADEIRO BARTHOLOMEU D COSTA, NO MESMO TEMPO EM QUE CONTINUAVA O TRABALHO DE FUNDIR A REAL ESTATUA. e no exergo diz: GRAVADA NO ARSENAL REAL DO EXERCITO. JOÃO DE FIG.ºº

O 2.º é outra placa de porcellana que de um lado representa as armas reaes portuguezas com o letreiro Lisboa 1773, e do outro a legenda: DESCOBERTO PELO THEN.ºº CORONEL BARTHOLOMEU DA COSTA.

O 3.º é muito importante porque não só confirma o assumpto, mas em breves linhas encerra a historia da estatua equestre, E' um quadro de porcellana que representa esta estatua, com o apparelho que a collocou sobre o pedestal, e a seguinte legenda commemorativa: FUNDIDA EM 15 DE OUTUBRO DE 1774. SUSPENDIDA EM 20 DE MAIO



POVOA DO VARZIM — LARGO DAS DORES (Segundo uma phototypia da casa Frits)

DE 1775. COLLOCADA EM 26 DE MAIO DE 1775. ABERTA COM ASSISTENCIA E DESENHO DO INVENTOR 1775. NO REVERSO VÊ-SE OUTRA LEGENDA QUE DIZ O SEGUINTE. MAQUINA COM QUE SE SUSPENDEU E ELEVOU POR UM ANGULO RECTO FORA DA CASA DA FUNDIÇÃO PARA SE PÔR NO CARRO DE TRANSPORTE A REAL ESTATUA EQUESTRE DE S. MAGESTADE FIDELISSIMA O SENHOR D. JOZÉ PRIMEIRO, FUNDIDA DE UMA SÓ VEZ SEM A MENOR FENDA EM A REAL FUNDIÇÃO DE ART.<sup>MA</sup> NA INTENDENCIA DO TENENTE GENERAL DA ART.<sup>A</sup> DO REINO MANUEL GOMES DE CARVO E SILVA, INVENTADA PELO BRIGADEIRO BARTHOLOMEU DA COSTA O PRIMEIRO QUE EM PORTUGAL ACHOU A PORCELANA E DESCOBRIU ESTA NO MESMO TEMPO EM QUE IDEAVA E CONTINUAVA O TRABALHO DE FUNDIR A REAL ESTATUA. NO EXERGO DIZ: LISBOA GRAVADA NO ARCANAL DO EXERCITO POR JOÃO DE FIGUEIREDO.

Estes tres documentos importantes, e que honram sobre maneira o nome muito conhecido de Bartholomeu da Costa e do artista João de Figueiredo, não devem esquecer na historia das artes e da industria portugueza. D'este ponto de partida deve ter nascido o ramo de industria hoje bem representado entre nós.

R

## AS NOSSAS GRAVURAS

HENRIQUE STANLEY

Ha cerca de um mez que appareceu, como um meteoro, em Lisboa este célebre viajante inglez.

Sabia-se que o intrepido explorador, tendo adoecido de uma teimosa dyssenteria no alto Congo, onde desde 1879 anda em estudos e cuidando no estabelecimento de alguns pontos civilisadores, viera a Loanda tratar-se. De repente porem appareceu em Lisboa, sem que ninguem suspeitasse da sua vinda, nem mesmo a Sociedade de geographia, que não recebeu a tempo um telegramma que lhe fora expedido, já da barra, por um companheiro de viagem do explorador. Assim mesmo as pessoas que tiveram conhecimento do facto apressaram-se a ir comprimental-o e fazer-lhe, como se diz, as honras da casa, mas Stanley esquivou-se a todas as demonstrações, que a sua presença em Lisboa poderia suscitar. Teve uma entrevista com os nossos notaveis exploradores Capello e Ivens, e partiu ao cabo de um ou dois dias, tendo-se mostrado, durante as suas entrevistas, mais reservado do que o é habitualmente.

O nome d'este celebre viajante é já hoje universal, e porisso daremos d'elle uns ligeiros traços biographicos.

Henrique Moreland Stanley é natural do principado de Galles em Inglaterra. Muito novo começou a leccionar, e foi admittido como adjunto n'um collegio. Pouco satisfeito d'este genero de vida, abandonou, em breve, o professorado, e partiu para a America do Norte.

Ahi começou a escrever para as folhas periodicas e tendo demonstrado espirito vivo, animo emprehendedor, muita penetração, e tino de observar, pôde conseguir o seu desejo: viajar.

Reconhecendo-se as suas naturaes disposições foi encarregado por alguns periodicos americanos do mister de seu informador correspondente, reporter, em varias partes da Europa, nomeadamente pelo proprietario do *New York Herald*, um dos periodicos mais importantes do mundo.

Tinham-se espalhado pelos fins de 1869, na Europa, algumas noticias que annunciavam a morte do dr. Livingston, o notavel explorador da Africa, as quaes foram pouco depois desmentidas. Passaram-se porem muitos mezes sem que houvesse mais novas de Livingston. Alguns espiritos começavam a sobresaltar-se com tal silencio; o que suscitou a Bennett, director do referido periodico, a idéa de emprehender alguma coisa n'este sentido.

Partiu para a Europa, ou já se achava em Paris, e considerando as optimas disposições e animo ousado de Stanley, chamou-o áquella cidade, da Hespanha onde se achava, e depois de lhe indicar o seu projecto, e de encontrar em Stanley a mais decidida vontade de o executar, deu-lhe as seguintes instrucções:

«Assistir á inauguração do canal de Suez; subir o Nilo, informando-se da expedição de Samuel Baker, descrevendo ao mesmo tempo tudo o que houvesse de interessante para os viajantes, e organisando uma guia pratica, onde se mencionasse tudo o que fosse digno de se vêr. Partir em seguida para Jerusalem, e tomar informações do resultado das pesquisas que ali andava praticando o capitão Warren. Seguir a Constantinopla, afim de se informar do que se passava entre o sultão e o khediva, d'onde passaria á Criméa a visitar os campos de batalha, da fa-

mosa guerra de 1856. D'ali partiria para o Caucaso e Mar Caspio, para tomar informações de uma expedição russa, que ia sair para Khiva, d'onde seguiria para a India pela Persia, visitando Persepolis e Bagdad, dizendo alguma coisa do projecto do caminho de ferro do Valle do Eufrates. Da India passaria a Africa, afim de procurar Livingston.»

Foram estas em resumo as instrucções que recebeu, e que executou á risca. Stanley tinha então 28 annos, pôde vêr-se nos seus livros, como cumpriu a sua arriscada commissão, e como tendo chegado á India, em agosto de 1870, depois de mil contratempos, se encontrava a 10 de novembro de 1871 em Ujiji, com Livingston.

Depois de receber os seus apontamentos, de combinar com elle novas explorações e de lhe deixar procurar os necessarios provimentos, partiu para Inglaterra.

Esta tinha mandado varios individuos em procura do doutor, quando Stanley appareceu e que deu as noticias que trazia, não foi acreditado, e a propria Sociedade de geographia de Londres duvidou das suas relações. Mais tarde, porém, fez-se-lhe justiça e foi premiado.

Em 1873 publicou o interessante livro—*Como eu encontrei Livingston*.

Do que viu e contou nasceu a idéa de uma travessia na Africa, partindo dos pontos onde estivera com Livingston, que pouco depois fallecera.

Esta viagem foi promovida pelo director do referido jornal sir Gordon Bennett, de combinação com o director do *Daily Telegraph* de Londres.

Stanley chegou a Zanzibar em 1874, d'onde partiu achando-se nas margens do Victoria Nyanza em principios de 1875. Torneou o lago em 58 dias embarcado no Lady Alice, reconhecendo ser o principal affluente d'aquelle lago o Chimiyu, que parece ser a nascente mais meridional do Nilo. D'ali atravessou o Uganda, interessante reino selvagem pouco ou nada conhecido, travando relações com o seu rei M'tesa, chegando ás margens do lago Tanganika em 1876. Gastou cincoenta e um dias em circumnavegar o lago, e atravessando-o, percorreu o Nyangue, chegando ao Lualaba, que desceu com mil trabalhos e combates, difficuldades e perigos de todo o genero.

Não obstante isso pôde determinar-lhe as successivas direcções, concluindo por afirmar que o Lualaba, o Zaire e o Congo, são o mesmo rio. Continuando a exploração chegou a Cabinda em agosto de 1877, tendo realisado o seu programma, devassando os segredos do continente misterioso, como elle lhe chamou.

Adverta-se porem que varios pontos percorridos pelo explorador já tinham sido visitados nos seculos XVI e XVII por viajantes e missionarios portuguezes.

Chegando á costa occidental da Africa encontrou-se com os nossos exploradores Capello e Ivens e Serpa Pinto que então começavam os seus trabalhos n'aquella região que elle acabava de lustrar. Este encontro foi descripto no n.º 17 do nosso 1.º volume. É muito natural que este encontro influísse muito na resolução de Serpa Pinto.

A sua viagem soou com estrondo extraordinario nos dois mundos. O premio devido não se fez esperar. Stanley partiu para a Africa com o cabelo preto e voltou com elle branco.

Stanley publicou alem da obra citada a *Villa e viagem de Livingston*, em 1875, a *Terra dos Escravos* em 1879 sahio o seu livro *O Continente mysterioso*, onde vem relatada toda a sua viagem.

Pouco depois reunia-se o congresso de geographia em Bruxellas, 1878, ao qual não concorreu Portugal por uma falta qualquer de formalidade. O facto é que, em consequencia das resoluções d'esse congresso, Stanley tornou a partir para a Africa com o fim de fazer uma exploração no alto Congo. Sabe-se, porem, que a sua viagem não se limitou a uma simples exploração, mas que tem procedido ao estabelecimento de pontos chamados civilisadores, que são outros tantos nucleos de colonias, em pontos proximos ao que nos pertence, segundo parece.

Agora volta a Europa, diz-se que para apresentar certos planos á Sociedade de geographia da Belgica. Entre nós mostrou-se muito reservado. Com certeza os seus projectos não nos podem ser muito favoraveis, como o não são os de Brazza, a respeito do qual a imprensa franceza não encobre a sua opinião, favoravel a que sejamos esbulhados d'aquillo, em que temos prioridade e propriedade secular. Stanley partiu para Paris, tencionando visitar a Belgica, a Inglaterra e os Estados Unidos. Depois voltará á Africa.

Ha dez, ha vinte, ha trinta annos que ouvi-

mos dizer todos os dias que é necessario olhar attentamente para os assumptos d'Africa. Tem-se gasto alli bastante dinheiro, mas parece-nos que um tanto á tôa, sem um plano definitivamente assente.

A nossa Sociedade de Geographia já que trata de muita coisa que não é geographia, que na verdade é do que cuida menos, não seria mau que puzesse tudo o mais de parte, e se applicasse toda, sempre, a toda a hora, a todo o instante aos negocios da colonização d'Africa. Nós pediriamos aos seus membros que em lugar de irem para a serra da Estrella, ou para o Algarve, ou para o Alemtejo fazer explorações, fossem prégar pelo paiz esta nova cruzada, que não é de conquista pelas armas ou pelo fogo, mas pelo trabalho e pela civilização; que tratassem de desviar os milhares de colonos que todos os annos partem do continente e dos archipelagos dos Açores e da Madeira com destino á America e á Oceania, para as nossas colonias d'Africa, mas por meio de vantagens certas, positivas, convidativas e tangiveis, e não com o offerecimento de duas enchadas e uma pá e não sabemos que mais ridicularias, que ha tempos ahi appareceu n'um documento official.

Se não tratarmos d'isto, se não fizermos um esforço, dentro em pouco nos veremos cercados na Africa, não só por inglezes, mas por francezes, belgas, allemães e italianos, e depois de vermos passar as riquezas que podiam ser nossas, para as mãos d'elles, choraremos, como se diz, na cama, que é parte quente.

### DEFEZA DE LISBOA E SEU PORTO

Forte do Bom Successo

Quando no nosso n.º 104 pag. 253 do IV volume demos a descripção do reducto circular de Monsanto, dissemos que elle formava a direita de um campo intrincheirado, que se continuava pelo reducto de Montes Claros e Alto do Duque (em construcção) e cuja extrema esquerda era formada pelo forte do Bom Successo, sobre a margem direita do Tejo: é esta obra que vamos hoje descrever.

O forte do Bom Successo, que a nossa gravura de pag. 228 representa, está construido proximo ao bello monumento manuelino, chamado no seu tempo castello e hoje torre de S. Vicente de Belem.

Junto a esta torre ha um parapeito corrido, que um muro separa de outra porção de parapeito muito mais extenso com terrapleno e guardado de onze canhões para salvas, parte que é conhecida pela bateria do corredor.

Vindo d'essa bateria encontra-se logo junto á porta o respectivo paiol, na parede do qual se vê uma inscripção commemorativa do anno em que foi construida a bateria, e dos individuos que intervieram n'esta obra.

Segue-se depois para oeste o que é propriamente a nova bateria Krupp.

Esta bateria é estabelecida no assento da antiga que ali existia e a barbeta.

Consta de seis canhoneiras separadas umas das outras por paiões alternados, um para projecteis e outro para cartuchos.

Estes paiões são de abobadas feitas de camadas de betão, de 1<sup>m</sup> de espessura, tendo cada um uma sobre carga de 2<sup>m</sup> de espessura, formando um barrete de areia revestido de adobes e de terra batida. Como em todas as partes onde ha estabelecimentos militares, a limpeza e o adorno não são esquecidos, e por isso estes barretes se acham cobertos por uma luxuosa vegetação de chorões de varias côres, que produzem o melhor effeito á vista, disfarçando o terror que todos os apparatus de guerra inspiram aos espiritos tímidos.

Entre cada dois paiões estão as canhoneiras tendo uma plata forma de betão, coberto de um revestimento hydraulico e provida de calhas de ferro, que conduzem as aguas pluvias a uma valeta geral, que corre ao longo e á rectaguarda de todas as canhoneiras.

As quatro primeiras canhoneiras de leste para oeste estão artilhadas com quatro peças Krupp de 15 c e as duas ultimas, com dois canhões de 28 c do mesmo fabricante.—Estes canhões estão assentes nos reparos e caixilhos proprios de uma bateria de costa, sobre as referidas plataformas.

Junto aos patins das canhoneiras das peças de 28 c estão montados uns turcos de ferro para collocarem nos paiões parciais os projecteis trazidos do paiol geral, por uma zorra que gira sobre um caminho de carris, o qual discorre ao longo de toda a bateria.

D'este pavimento desce-se para as varias dependencias e estabelecimentos do forte. São es-

tes, a casa, provisoriamente, de residencia do commandante da Torre de Belem; quartel dos officiaes da companhia de artilheria de guarnição no forte, que apenas pode dar alojamento por occasião de serviço, não dispensando a residencia exterior; outra casa para secretaria do forte e do almoxarife: estas duas casas estão levantadas sobre armazens, e em occasião de crise terão de ser entulhadas ou destruidas.

Inferiormente ha o aquartellamento das praças de pret, composto de varias casernas e quartos e outras casas complementares, que circumdam um pateo ou terreiro, que serve de parada, no meio do qual ha um poço d'agua salobra, havendo mais dois em outras localidades.

Ha varios armazens para deposito de material de guerra, utensilios, mobilia, generos, combustivel, etc.

Ainda, a oeste e inferiormente a esta bateria, existe a chamada dos morteiros, composta apenas de um parapeto e terrapleno respectivo que se communicam com um caminho que circunda o forte do lado da terra e serve como que de estrada coberta.

Tem o forte uma porta geral que dá entrada para a Torre e baterias mencionadas, tem outra que da parada dá para o caminho ou estrada citada, e outra que dá para a bateria dos morteiros.

O forte communica-se com a povoação do Bom Successo por um caminho ou estrada, que atravessa todo o areal, feita em aterro entre muros de suporte e de guarda. Este caminho é de area, incommodo para verão e inverno, e com pouca despesa se poderia não só dar-lhe um pavimento empedrado mas tambem guarnecer-o de arvores, que na epoca do calor dessem sombra a quem passasse.

A bateria pode dominar todo o leito do rio desde a ponta da Trafaria e ainda mais alem até Belem. Nas experiencias, que se fizeram ha mezes, portaram-se perfeitamente as peças, tanto de 15 como de 28, assim como a obra toda não soffreu nada mais do que os estragos no reboco, que a explosão da polvora causa sempre no que é dominado, principalmente, pelo sector de fogo.

Ha falta de uma cisterna n'este forte, para evitar o encommodo e inconveniente de ir buscar agua longe. Nós não podemos deixar de mencionar esta circumstancia, porque é uma coisa muito descurada entre nós; entendemos que logo que se faz uma obra, que se estabelece um aquartellamento, ou se arranjam casas para quartel de officiaes de uma guarnição, se deve primeiro que tudo procurar fornecer esses estabelecimentos da agua precisa, antes de os fazer habitar. O que se dá a este respeito n'este forte, passa-se em muito peores circumstancias no reducto de montes Claros, e quartéis adjacentes, e no reducto de Monsanto não está este importante assumpto completamente regulado ainda.

Outro objecto importante é a falta de casas para residencia de officiaes. A nossa imprevidencia em tudo, é a só culpada d'esta falta. Havia no Bom Successo uma casa que tinha acomodações para a habitação das familias dos officiaes do Estado maior de uma praça; habitou n'ella o duque da Terceira, que como se sabe era governador da Torre de Belem, cargo honorifico; em quanto foi necessaria para habitação do marechal — era propriedade do ministerio da guerra, supomos; — conservou-se, depois da sua morte porém vendeu-se. Produziu seis ou sete contos de réis, com o que não diminuiu um ceutil o deficit da nação, mas peoraram as condições dos officiaes da guarnição da praça.

As nossas economias são assim.

#### POVOA DE VARZIM — LARGO DAS DORES

Já em os n.ºs 119 e 120 do presente volume nos referimos a esta villa publicando por essa occasião duas gravuras das suas esplendidas praias.

Essas gravuras davam o aspecto d'aquella povoação maritima, uma das mais activas e industriosas de Portugal; hoje publicando a vista do largo das Dôres damos uma ideia do aspecto interior d'essa povoação que se tem desenvolvido e aformoseado, com edificios regulares e estabelecimentos importantes.

A direita da estampa vê-se o hospital, que foi começado em 1826 e concluido em 1835, composto de dois andares, de que o segundo foi recentemente construido.

Logo em seguida na mesma linha para a direita está a casa da Misericórdia, obra do seculo XVI, que já serviu de igreja matriz.

Para a esquerda da estampa avulta o edificio da capella de Nossa Senhora das Dôres, que domina a villa, e cuja elevada torre serve de guia aos mariantes.

E' ainda no largo das Dôres que está a escola municipal para o sexo masculino edificada com o legado do conde de Ferreira.

Em frente do hospital está o cemiterio publico, que fatalmente terá de ser mudado d'ali para ponto mais afastado da povoação, logo que esta cresça, como medida hygienica e de utilidade publica.

## PINHAL DO URSO

Depois dos pinhaes de Leiria e do Vallado é esta matta a mais extensa das que formam o dominio florestal do estado.

Mede mais de 1000 hectares. Está situado no littoral, uns 20 kilometros ao sul do Mondego, e dista do oceano perto de 4 kilometros, que é a largura das dunas que lhe ficam ao poente as quaes são impellidas pelos ventos mareiros e correm sobre o pinhal, enterrando muitas arvores.

Esta matta antes de ser incorporada na Administração geral das Mattas, pertenceu á Universidade de Coimbra e parece que já foi maior. O pinhal das Correntes, muito cortado e invadido pelas areias, que hoje está completamente separado do do Urso por um largo areamento, é provavel que n'outro tempo estivesse unido com este e ambos formassem uma só floresta.

O arvoredado que aqui se encontra é quasi exclusivamente constituído pelo pinheiro marítimo ou bravo, que é o que mais prospera nas areias fundas e nos logares onde a proximidade do mar torna a atmosfera mais humida.

Segundo os melhores preceitos da silvicultura, o pinhal do Urso está dividido em talhões por meio de *aceiros*, que são ruas muito largas limpas de mattos e arvoredos, e *arrifes* que são *aceiros* muito estreitos. Do lado do nascente e junto da borda do pinhal, ha de distancia em distancia uma casa de construção singela e elegante, que é habitada pelos guardas florestaes.

Como todas as mattas em que o arvoredado se apresenta bastante denso, o pinhal do Urso oferece bonitas paisagens, como é a que o Occidente apresenta hoje em gravura tirada de uma photographia do sr. Francisco Ferreira Loureiro.

Não é conhecida a origem da denominação d'este antigo pinhal, mas podemos naturalmente attribuir-a á existencia de algum urso n'aquelle logar, hypothese muito admissivel, pois é certo que no tempo dos nossos primeiros reis, este animal perigoso habitava o paiz.

C. A. de Sousa Pimentel.

## SUCCESSOS DO EGYPTO

### VI

Nós não podemos fazer uma historia d'esta questão importante, e só apenas quizemos inteirar os nossos leitores do que procedem a intervenção, primeiro official da Inglaterra e da França, secundadas de certo modo pela Allemanha, Russia, Austria-Ungria, e Italia, e finalmente militar da Inglaterra.

O facto é que desde a subida de Arabi ao poder as condições das relações dos *controllers* europeus com o Egypto mudaram completamente, e isto não só pelo que tocava aos interesses europeus, mas aos do proprio Egypto.

Poucos dias depois da organização do novo ministerio entregavam os *controllers* francez e inglez, ao Khediva, o relatório annual da gerencia financeira pelo qual se mostrava que anteriormente á lei de liquidação da divida egypcia, de julho de 1880, a divida fluctuante do paiz se elevava a 18.500:000 libras egypcias, ou proximaemente 83:250 contos de réis, ao passo que se achava então reduzida a 3.550:000 libras ou 15:975 contos de réis, e havendo ainda a respeito d'este resto reclamações pendentes nos tribunaes que se referiam a 3.000:000 de libras, é muito natural que esta soffresse importantes reduções.

Quanto á divida unificada e á divida privilegiada o valor amortisado até 31 de dezembro ultimo era de 81.056:000 libras ou 365:152 contos de réis, ficando ainda para amortisar o capital de 357:991 contos proximaemente.

Outro traço característico d'esse relatório indicava com relação ás previsões orçamentaes de 1881, que as entradas na caixa da divida mostravam um excedente de receitas de 1 1/2 por cento apenas sobre os rendimentos das provincias sujeitas á administração indigena, ao passo que os rendimentos administrados pelos europeus (*controllers* inglez e francez) accusavam uma elevação de 18 por cento com relação ás alfandegas,

44 por cento para os caminhos de ferro e telegraphos, 34 por cento para o porto de Alexandria a 49 por cento sobre os direitos dos tabacos.

Não podia apresentar-se demonstração mais evidente dos serviços prestados pelos europeus á terra do Egypto, muita superioridade dos seus conhecimentos e pratica dos negocios financeiros sobre os indigenas, assim não só certos sentimentos menos favoraveis de alguns europeus a respeito do modo de funcionamento das repartições anglo-francezes, se dissiparam, mas ainda causou muita impressão este resultado entre os egypcios, mesmo os mais exaltados.

R.

## EPIHEMÉRIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1840. Outubro 11. — Representa-se pela primeira vez em Lisboa, no theatro de S. Carlos, a opera do maestro Coppola: *Joanna I, rainha de Napoles*, expressamente escripta para aquelle theatro.

Foi desempenhada pela Barili, Conti, Varesi e Fornasari.

1862. — 11. — Debuta no theatro de S. Carlos do primeiro tenor absoluto Mongini na opera *Martha*.

Foi escripturado por 2:400\$000 réis mensaes.

1813. — 12. — Abertura inaugural do *Theatro de S. João*, no Rio de Janeiro, com a peça *Juramento dos Numes*, opera do maestro Marcos de Portugal, poema de Gastão Fausto da Camara.

Este theatro foi destruido por um incendio em 24 de março de 1823, reconstruindo-se com o nome de *Theatro de S. Pedro d'Alcantara*.

Thomaz Oom dá erradamente esta inauguração nas suas *Ephemérides Musicas*, como succedida em 11 de outubro do mesmo anno. O sr. Joaquim de Vasconcellos no quadro symnoptico-chronologico das operas do grande maestro portuguez, que vem no tomo 11 da sua obra, — *Os Musicos Portuguezes*, — dá esta opera como representada a primeira vez no theatro de S. Pedro d'Alcantara, sem duvida manifesto equivoco, pois que a pag. 62, diz ter sido representada no theatro de S. João do Rio de Janeiro.

1860. — 12. — É denominado «Praça de Camões» o antigo largo do Loreto.

1845. — 12. — Primeira representação no *circo de Gymnasio*, ao Loreto.

1560. — 13. — Morre Luiza Sigéa, a sabia mestra dos filhos d'elrei D. Manuel, e designadamente da infanta D. Maria, em cujo palacio foi dama.

Casou com um fidalgo chamado D. João, que foi tronco da casa dos viscondes de Villar.

1870. — 13. — El-rei D. Sebastião visita a Universidade de Coimbra em companhia de seus tios o cardeal D. Henrique e o infante D. Duarte.

A oração de recebimento foi proferida pelo dr. Luiz de Castro Pacheco.

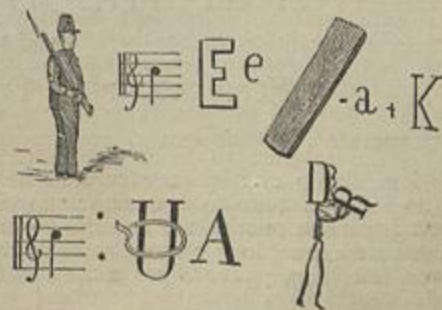
1661. — 14. — Morre o compositor portuguez, tão fallado no seu tempo, João Soares Rebello, mestre de musica d'el-rei D. João IV.

1774. — 15. — O engenheiro Bartholomeu da Costa conclue a fundição da estatua equestre d'el-rei D. José I, que em 6 de junho do seguinte anno é elevada na praça do Commercio.

Foi fundida de um só jacto. Tem 500 quintaes de bronze (2000 arrobas). Foi collocada no dia 27 de maio de 1875 e inaugurada em 6 de junho.

1834. — 15. — São approvados os estatutos da Academia Real das Sciencias, ordenados em por-

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Burro velho não aprende linguas.

taria de 9 de maio do referido anno, e aviso de 24 de dezembro de 1799.

1859.—15.—Ristori, a primeira tragica do mundo, dá no real theatro de S. Carlos de Lisboa a primeira das suas 15 recitas com o drama *Medea*.

A ultima da serie foi dada na noite de 19 de novembro, com a mesma tragedia. Em o primeiro de dezembro deu uma ultima representação com a tragedia *Judith*, partindo dois dias depois.

Ristori veiu novamente a Lisboa em 1878 dar uma nova serie de seis representações, que começaram em 6 de novembro, terminando a 14 do referido mez.

1544.—16.—É creada uma cadeira de Mathematica na Universidade de Coimbra, sendo nomeado para a reger o insigne mathematico Pedro Nunes.

Em 1772 foi creada a faculdade de mathematica como diremos em outro lugar.

1772.—16.—Reforma da Universidade de Coimbra pelo Marquez de Pombal.

1867.—16.—Tem lugar no theatro do Gymnasio o debut da actriz Lucinda Simões, filha do actor Simões.

Foi com o drama do sr. Manuel Domingos dos Santos: *Bemvinda ou a Noite de Natal*, que se intitulou original portuguez mas que—quanto a mim—não passa de uma servil imitação do antigo drama francez *Bienvenue, ou la Nuit du Noel*.

Quanto á estreia da novel actriz não podia ser mais auspiciosa. Lucinda Simões é hoje uma das glorias do theatro portuguez.

1853.—17.—João Pereira e Silva e Matheus Pereira d'Almeida e Silva fundam o *Jornal do Commercio*. Este jornal foi a sequencia do *Paquete Commercial*, do qual haviam sahido 246 numeros, sendo o primeiro em 23 de março de 1852 e o ultimo em 12 de outubro de 1853.

Hoje compõe-se a redacção dos srs. Luiz Maria d'Almeida e Albuquerque, Paulo de Moraes, Quirino Chaves, Christovão Ayres, etc. O proprietario é o sr. Henrique Burnay.

1576.—18.—Morre Simão Gomes, o *sapateiro santo*, que qual outro Nostradamus, tinha, sempre a casa cheia de beatos fidalgos que o hiam visitar e consultar sobre as suas *predicções do futuro*.

Foi o segundo tomo do celebre Gonçalo Annes Bandarra, seu collega no officio e na impostura.

1739.—19.—É queimado publicamente em um auto de fé, accusado de judaismo, Antonio José da Silva, notavel poeta comico portuguez, e au-

tor de numerosas comedias. Alguns lhe deram o nome de Plauto Portuguez.

Com elle foram queimadas sua velha mãe e sua esposa, Leonor Maria de Carvalho.

Paulo Perestrello da Camara, no tomo segundo do seu *Diccionario Geographico*, pag. 313, diz, inexactamente que Antonio da Silva fôra victima da inquisição em 1745.

O lugar d'este auto de fé foi no *Campo da Lá*, hoje largo do Terreiro do Trigo.

1864.—20.—O camarista Antonio Moreira Pinto da Costa propõe em sessão camararia do Porto, se mande gravar na casa onde nasceu o visconde d'Almeida Garrett na rua do Calvario 37, 39 e 41, uma inscripção commemorativa.



TEMPLO DE NEPTUNO — Gravura extrahida do 1.º vol. da *Historia Universal*, do Dr. Jorge Weber — Edição da Empresa Litteraria de Lisboa

A camara approvou unanimemente esta proposta.

A inscripção é a seguinte:

Casa onde nasceu

nos

4 de fevereiro de 1799

João Baptista da Silva Leitão

de Almeida Garrett

Mandou gravar á memoria do grande Poeta

A Camara Municipal d'esta cidade

em

1864

### PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

*HISTORIA UNIVERSAL*, original do dr. Jorge Weber, traducção e notas de Delfim d'Almeida, edição da Empresa Litteraria de Lisboa. Fasciculos 12 e 13 pertencentes ao 2.º vol.

Esta historia, que está hoje tradusida em to-

das as linguas cultas, tem por toda a parte tido o maior acolhimento, por ser um dos melhores livros de consulta para as pessoas que se desejam instruir com leituras sãs e proveitosas.

A edição portugueza é das melhores que se tem feito, porque além da boa execução typographica e bom papel, junta a circumstancia de ser illustrada com gravuras de pagina, impressas em separado, representando os factos mais importantes da historia, o que a torna ainda mais interessante.

Como specimem das illustrações do primeiro volume, que está já concluido, damos a gravura que vae n'esta pagina, e assim os nossos leitores melhor poderão fazer ideia do valor das illustrações que adornam este volume.

A assignatura para esta obra continua aberta no escriptorio da empresa, Rua Nova do Almada 36, e os srs. assignantes tem direito a diversos premios de valor que a empresa lhes offerece.

**DICCCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ**, collorado pelos principaes escriptores, edição da livraria Zeferino, Lisboa. Fasciculo 41 de 48 paginas infolio. Este fasciculo alcança até á palavra *Auxerre* e a paginas 1948 Segue com toda a regularidade esta importante publicação.

**SOCIEDADE ANNUNCIADORA UNIVERSAL, J. B.**

Agramunt y C.ª Barcellona. Um folheto de 87 paginas com uma relação de um grande numero de jornaes que se publicam no mundo, uma secção de anuncios e uma bonita capa em chromo lythographia.

**CHRONICA ILLUSTRADA**, proprietario e director Alberto d'Oliveira, Lisboa.

Sahiu á luz mais um numero d'esta elegante publicação, que não desmerece dos numeros antecedentes. É collorado pelos artistas Ponsão, Vieira, Casanova, Vianna, Malhó, Pinheiro, Ramalho, L. Lallemand e J. Vaz. A parte litteraria, que é muito brilhante, é firmada por Beldemónio, João de Deus, Yorick, Moura Cabral e Anna de Albuquerque.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMAND FRÈRES, TYP. LISBOA  
6, Rua do Thesouro Velho, 6

## ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1883

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Profusamente illustrado com gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lythographia

Está publicado este interessante almanach, o mais elegante que se tem publicado em Portugal, e que no primeiro anno da sua publicação teve o successo mais completo.

Este almanach publica um enigma com nove premios ás pessoas que o advinharem.

A grande extracção que este almanach obteve no primeiro anno, permittio o fazer-se uma maior tiragem n'este anno, podendo assim a empresa vendel-o ao

**PREÇO, EM LISBOA, 200 RÉIS**

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 220 réis em estampilhas á **Empresa do Occidente**, rua do Loreto, entrada pela rua das Chagas, 42 — Lisboa, onde devem ser dirigidas as encomendas.

## CAPAS CARTONADAS

PARA ENCADERNAÇÃO DO

## OCCIDENTE

A Empresa do OCCIDENTE tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º

**PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS**

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.

Recebem-se volumes para encadernar n'estas capas por 1\$200 réis.